

ALGO A FAVOR DE RUDOLF HILFERDING¹

Antonio Carlos de Moraes²

Resumo: este artigo tem como preocupação central, recuperar a sistematização e a contribuição teórica que Hilferding elabora em *El capital financiero* sobre o desenvolvimento das crises capitalistas, a despeito das críticas que esse autor angariou pelo seu rompimento com o comunismo e sua adesão à social democracia. E é justamente por uma motivação política, que pretendemos, se não lançar algumas luzes sobre o obscurantismo com que é tratada a crise por que passa a economia brasileira, pelo menos fazer nossa parte, nos espaços que se apresentam, para uma provocação construtiva aos militantes da Economia Política, ressaltando a necessidade premente de conduzirmos nossas análises cada vez mais a planos que nossos colegas do *mainstream*, com certeza, denominam de radicais.

Palavras-chave: capital financeiro, possibilidade geral das crises, causas reais das crises

Abstract: this article objective recover the systematization and the theoretical contribution of Hilferding in El capital financiero, about the development of the capitalists crisis, in spite of the critiques received in function of your rupture whith the communism and your adhesion to social democracy. To persecute a political motivation, we pretender, if not to throw light on the obscurantism that is treated the brazilian economic crisis, at least to make our part in the possible spaces, to a constructive provocation to the militants in Political Economy, to project the compressing necessity to conduct our analysis more and more to objective that our friends of the mainstream, certainly, denominate as radical.

Key-words: financial capital, general possibility of crisis, real cuses of the crisis.

JEL Classificationom: B51

1. A Economia política de Hilferding

Trataremos nesta seção, de apresentar os traços principais da interpretação de Hilferding sobre o capitalismo no início do século XX, que, sem dúvidas,

¹ Recebido em 25/10/2006. Liberado para publicação em 15/01/2007.

² Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Administração, Contábeis e Atuaria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e do Programa de Estudos Pós Graduados da PUC/SP.
E-mail: mouraria@pucsp.br.

acabou por fundamentar seu posicionamento político nas primeiras décadas do século, período tão importante do ponto de vista do desenvolvimento do ideário socialista.

Podemos considerar que o texto *El capital financiero*, publicado em 1909, consistiu na primeira elaboração teórica sobre o imperialismo, tendo como principal contribuição identificar a relação do imperialismo com o processo de concentração técnica do capital e a centralização financeira, que doravante passaremos a chamar de “concentração de capital”. A decorrente monopolização da produção capitalista, com a superação da fase de concorrência mais pura que marcou o capitalismo do século XIX, redundou na criação de formas para dar andamento ao processo de concentração de capital, como combinações e uniões, sendo que essas últimas desembocavam necessariamente em trustes ou cartéis. Todo esse processo de concentração de capital, é importante ressaltar, contou com uma aproximação do capital bancário com o capital produtivo, formando enfim o capital financeiro, que conquistou um órbita própria, ao lado do capital comercial e do capital produtivo.

Mais do que ter surgido, o capital financeiro alcança seu apogeu. Grupos financeiros de controle, formados por representantes do capital bancário e do capital produtivo passam a dominar as grandes empresas bancárias e produtivas, do que se segue uma pressão crescente para a exportação do capital para espaços periféricos, na busca de uma taxa de lucro mais elevada. Este movimento representa a principal motivação econômica do imperialismo.

Esse entendimento permite que Hilferding formule teoricamente sobre a possibilidade do “capitalismo organizado”. O elevado grau de monopolização permitiria atenuar a influência das crises cíclicas sobre o processo de acumulação capitalista por meio de um planejamento da produção, o que facilitaria a transição para o socialismo, desde que a sociedade se apropriasse de pelo menos seis grandes bancos em Berlim, o que garantiria o controle dos ramos mais importantes da produção industrial. Tal leitura da dimensão econômica do capitalismo no início do século XX teve como consequência política em Hilferding, uma supervalorização da via parlamentar para tomada do poder pelo proletariado e seu afastamento do comunismo em 1917, com sua guinada para a social-democracia.

Além desse seu posicionamento político, Hilferding ocupou o posto de ministro da Fazenda durante três anos ao longo dos anos de 1920, adotando uma postura ortodoxa com respeito à política monetária e fiscal. Para ilustrar o incômodo que Hilferding causa à esquerda, cabe lembrar um editorial do jornal *Desemprego zero* (2005), que chega a qualifica-lo como uma “sombra” do atual ministro da Fazenda no Brasil, o Palocci. Esta sua performance como ministro ou como militante da social democracia no contexto da II Internacional, não deve nos

permitir lançar fora sua contribuição teórica a respeito das crises capitalistas. Fundamento que gostaríamos de acreditar existir nos que hoje praticam a ortodoxia, tão benemérita ao capital. E sobre essa fundamentação teórica que vamos tratar na seção seguinte.

2. Hilferding: uma leitura adequada sobre as crises capitalistas

Militante do comunismo de conduta política irreparável, como Rosa de Luxemburg, na análise do processo de acumulação de capital centra-se na questão da realização como o grande obstáculo à continuidade desse processo. O conflito entre produzir e realizar assume o papel da possibilidade geral da crise, que o avanço imperialista sobre os espaços pré-capitalistas busca contornar. Em que pese a importância dessa análise como contribuição às reflexões sobre a gênese do imperialismo, ela peca pela desconsideração de que o caminho crítico do capitalismo obedece a dois conjuntos de forças. De um lado, a possibilidade geral da crise, como lei imanente, conflito intestino, que age como mal permanente, ameaçando a taxa de lucro. De outro lado, as causas reais, no plano da evolução concreta dos elementos aparentes da produção capitalista, como renda, consumo, produção, preço, salários, crédito, para citar os principais.

Rudolf Hilferding, em 1909, com a publicação de *El capital financiero* (1973), avança num campo de preocupações que representava o mesmo contexto para Rosa de Luxemburg, ou seja, a aceleração do processo de concentração de capital e a luta decorrente para ampliação do espaço econômico do capitalismo. Na análise de Hilferding, entretanto, pode-se observar que o tratamento à questão da crise obedece a uma interpretação mais fiel e adequada *d'O Capital* que a interpretação eleita por sua contemporânea.³

A própria organização da obra de Hilferding na parte especificamente dedicada à análise das relações entre o capital financeiro e a crise⁴ reflete a preocupação do autor. No capítulo XVI, “As condições gerais da crise” o objeto é a identificação dos elementos que configuram a possibilidade geral da crise. No capítulo XVII, “As causas da crise” são resgatados os movimentos responsáveis pela eclosão dos momentos em que se torna flagrante o comprometimento do processo de acumulação de capital.

Para Hilferding “a possibilidade geral da crise dá-se com a duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro” (Hilferding, 1973, p. 269). O autor

³ A 1ª edição de *A Acumulação de Capital*, em que Rosa de Luxemburg apresenta sua interpretação sobre a natureza da crise no capitalismo, ocorreu em 1913.

⁴ A referência é feita aqui à “Quarta Parte” do *El Capital Financiero* (Hilferding, 1973, p. 269-333).

incorpora aqui o entendimento de Marx sobre a independitização entre o processo de produção e o de circulação, que já foi abordado no capítulo I: se D for entesourado, o processo de metamorfose da mercadoria (M1-D-M2) não se completa, tornando-se M2 invendável por um determinado período de tempo. Com a intensificação do uso do dinheiro como meio de pagamento e sua consagração como reserva de valor, a invendibilidade de uma mercadoria extrapola a dimensão de uma transação isolada tendendo a atingir um estancamento de ordem geral, pois a obstrução da venda também significa o comprometimento de um pagamento, o que é típico da circulação mercantil. Na seqüência, serão obstruídos os pagamentos de outras obrigações. A propagação desses efeitos conduz, no limite, a um estancamento geral da produção capitalista.

Esta **possibilidade geral da crise** é tomada por Hilferding como condição geral. Para que a crise se concretize, são destacadas outras três condições gerais, que, articuladas, sustentam a inevitabilidade das crises. A primeira delas diz respeito à intensificação do uso do dinheiro e à sua generalização como meio de pagamento. Na economia mercantil pré-capitalista, a produção e o consumo de mercadorias não se apresenta como um processo geral. Neste tipo de economia, as perturbações são eventuais, não caracterizando uma regularidade. Elas decorrem de catástrofes como guerras e epidemias, promovendo uma insuficiência de produção, mas nunca um transtorno decorrente de superprodução. No entanto, a produção capitalista pressupõe uma intensa circulação de mercadorias fazendo com que “todos os produtos possíveis tomem a forma de mercadorias e converte — o que é decisivo — a venda da mercadoria em condição prévia para a retomada da reprodução” (Hilferding, 1973, p. 272).

A atomização das decisões capitalistas, configurando o caráter anárquico da produção, constitui uma segunda condição geral das crises, na medida em que amplia os mercados locais, mas de forma dispersa. A terceira condição geral é dada pela separação entre produção e consumo. Os produtores produzem para um mercado ampliado, não para seu consumo, não de acordo com suas necessidades. Os capitalistas produzem orientados pela obtenção de lucro, sem qualquer compromisso com o comportamento do consumo. Essa busca do lucro coloca-se entre a produção e o consumo, compreendendo condições especiais que envolvem a expansão do capital. São essas condições que regulam a produção e são afetadas por uma ampla ordem de fatores, que circunscrevem a perseguição do lucro, entre eles, com certeza o consumo (demanda). Entretanto, trata-se do consumo pertinente a um segmento particular da economia. O consumo agregado resulta do desempenho desses segmentos. “As condições de exploração do capital opõem-se à ampliação do consumo e, como são as decisivas, a contradição aumenta até desembocar na crise” (Hilferding, 1973, p. 272).

A existência dessas três condições gerais da crise, que dão corpo à **possibilidade geral**, fazem com que a produção capitalista avance sobre um roto fio de arame, que não se rompe se determinadas relações de proporcionalidade forem mantidas. Hilferding refere-se aqui às condições de equilíbrio que devem ser observadas entre os setores de produção (DI e DII) e também entre os diversos ramos, envolvendo a necessidade de ser mantida uma proporção estável entre a parcela fixa do capital constante desgastada no processo de produção e a parcela que continua atuando. São as próprias condições de exploração do capital às quais o autor se refere acima.

A manutenção dessa proporção estável garante o equilíbrio orgânico entre o setor produtor de meios de produção (DI) e o de bens de consumo (DII), ou seja, garante um fluxo regular de realização entre os dois setores. Tomando como referência a representação do esquema de reprodução simples⁵:

$$\begin{aligned} \text{I. } & 4.000c + 1.000v + 1.000p \\ \text{II. } & 2.000c + 500v + 500p, \end{aligned}$$

Como regra geral (v+p) em I, deve ser igual a c em II. Se dos 2.000c, 1.800 representam capital circulante e 200 capital fixo que devem ser substituídos, estes serão supridos por I, mediante pagamento em dinheiro por capitalistas de II, acumulado com fundos formados na proporção do desgaste paulatino do capital fixo. O setor I, também com o equivalente a 200 em dinheiro, adquire bens de consumo produzidos em II por outro grupo de capitalistas que vão também formando fundos que correspondem ao desgaste de seu capital fixo.

Considerando-se o esquema de reprodução ampliada, uma outra condição de proporcionalidade se impõe. A parcela da mais-valia (p) a ser acumulada em I deve distribuir-se entre o capital constante e o capital variável na mesma proporção existente anteriormente, ou seja, mantendo a mesma composição orgânica observada no setor I. Isto, por sua vez, condiciona o grau de acumulação em II, já que deve ser mantida a relação (v+p) I = c II

É a partir do reconhecimento dessa complexidade constituída pelas necessárias relações de estabilidade, requeridas para a estabilização do processo de acumulação capitalista, que Hilferding introduz em cena, a dimensão das **causas reais** da crise, levantando a questão: “quem cuida da manutenção dessas relações?” (Hilferding, 1973, p. 287).

A função de guardiã dessas relações cabe, segundo o autor, à **lei dos preços**. As variações de preços são fundamentais para indicar o sentido das

⁵ Nas equações representativas do esquema de reprodução, c=capital constante, v=capital variável ou trabalho pago e p=mais-valia ou trabalho não-pago.

variações na produção. Para o capitalista, o indicador relevante é a relação de “seu” preço com o custo, do que resulta a taxa de lucro. Esta orienta a inversão do capital entre os diversos ramos possíveis, e a crise “não tem outra significação que a de ser o momento em que se verifica a redução da taxa de lucro” (Hilferding, 1973, p. 288).

Ao longo do período de prosperidade, as condições de exploração do capital, estabelecidas pelas relações de proporcionalidade, encontram seu ajustamento, motivadas pela expansão da produção. Esta se deve, em geral, ao surgimento de novos ramos, introdução de novas técnicas, abertura de novos mercados, aumento da população e crescimento da demanda. Tais fatores propagam-se na economia, sendo acompanhadas de aumentos de preços e da taxa de lucro. O capital se renova e amplia-se a base do capital fixo, cuja renovação é acelerada, pelo desgaste físico e obsolescência tecnológica. A expansão da demanda reduz o tempo de rotação do capital e a introdução de novas técnicas reduz o tempo de trabalho socialmente necessário. A convergência desses fatores é o aumento da taxa de lucro. “Mas as mesmas circunstâncias que primeiramente conduzem à prosperidade encerram em si potencialidades que pioram paulatinamente as condições de exploração de capital, até que, finalmente, chega o momento em que se paralisa o novo investimento de capital e o estancamento torna-se evidente” (Hilferding, 1973, p. 290).

A introdução de novas técnicas redundando na elevação da composição orgânica do capital, que significa uma redução relativa da parcela do capital variável na composição do capital e uma conseqüente compressão da taxa de lucro, que se agudiza, na medida em que o crescimento da parcela fixa do capital fixo no total do capital constante, reduz também a rotação do capital. Esta redução também se aprofunda em razão da necessidade de se buscar mercados estrangeiros, dado o esgotamento dos mercados nacionais, o que é típico no auge da prosperidade.

Neste auge também a taxa de juros apresenta um crescimento acima do seu nível normal, reduzindo o lucro do capital produtivo a favor do capital bancário. A especulação típica do auge, estreita os limites do crédito e, a insegurança dos Bancos conduz a uma restrição do crédito, obstaculizando o processo de realização.

Os preços já não se comportam com a regularidade e generalidade observada na etapa de expansão, passando a verificar-se uma distorção dos preços relativos que é fatal para a manutenção da estabilidade nas relações de proporcionalidade que vinha ocorrendo nos diversos ramos da produção. Os ramos que apresentam uma composição orgânica do capital mais elevada sustentam ainda taxas de lucro atraentes, dado o processo de racionalidade implícito. O afluxo de capitais para esses ramos é estimulado então, agravando as relações de

proporcionalidade. A oferta e a demanda no âmbito cada ramo vai provocando situações de desajuste, desorganizando ainda mais o sistema de preços. “Existe, pois, a tendência ao investimento e acumulação excessivas de capital nos setores com composição orgânica mais elevada, em relação com os de composição mais baixa. Uma desproporção que aparece quando os produtos dos primeiros setores chegam ao mercado” (Hilferding, 1973, p. 293).

Os produtos dos setores que apresentam uma composição orgânica mais elevada não encontram respaldo no comportamento da demanda e são estes setores que sentem com mais força a redução de preços e da taxa de lucro. As empresas menores se arruinam e só se mantêm aquelas que conseguem sobreviver com uma taxa de lucro média com os menores preços. A acumulação excessiva, entretanto, manifesta-se mais fortemente nos setores com elevada composição orgânica, visto que os demais, dada a menor participação do capital fixo conseguem adaptar-se melhor à nova situação de preços. O impacto subsequente é no setor de matérias-primas, cuja oferta é caracteristicamente mais rígida, acusando também problemas de superprodução. Esse contexto de superprodução, associado com as limitações do capital monetário imposta pelo *frenesi* do período de auge, acantoa as possibilidades do processo de acumulação.

A relação entre produção e consumo também vai se deteriorando ao longo do período de prosperidade, na medida em que a parcela do lucro destinada à acumulação supera aquela destinada ao consumo: “o consumo não vai a par com o aumento da produção” (Hilferding, 1973, p. 297).

Assim, as perturbações sofridas pelo sistema de preços, criadas no próprio período de prosperidade, rompem com as relações de proporcionalidade que poderiam garantir uma certa estabilidade no avanço do processo de produção capitalista. Os preços de mercado fogem dos preços de produção e a produção desregula-se, cristalizando, assim, **causas reais** para o estancamento do processo de produção. Causas que estão envoltas pelos efeitos da ameaça permanente da **possibilidade geral da crise**.

Em Hilferding, vê-se muito claramente o reconhecimento de dimensões específicas para tratar a questão das crises. A possibilidade geral atuando como lei imanente e o comprometimento das relações de proporcionalidade como causa real, afetada por condições de exploração do capital como o autor nomina. A ênfase dada ao comportamento da lei de preços resgata outros elementos que atuam na dimensão das causas reais, como a demanda, a evolução tecnológica e o crédito.

Mesmo em se considerando o fato de que possa haver divergências de entendimentos entre os autores que se ocuparam da temática da crise, o que mais importa ressaltar aqui é justamente a sistematização que Hilferding adota na análise e que vai de encontro a nossas preocupações sobre o caráter estrutural das

dificuldades do capitalismo. Essa sistematização, sob a ótica das abordagens críticas, os limites efetivos do capitalismo.

Nas considerações que Hilferding elabora sobre a ação dos cartéis e a decorrente mudança no desenvolvimento da crise, desenhando as possibilidades de uma regulação da produção e adaptação da oferta à demanda, **a noção da possibilidade geral da crise não lhe escapa**, desvanecendo o sonho de um crescimento equilibrado. “Somente quando se vê a causa das crises em uma superprodução de mercadorias.. pode ser possível (entender) que os cartéis sejam capazes de eliminar as crises restringindo a produção...Quem equipara as crises simplesmente a uma superprodução de mercadorias passa por alto precisamente a causa principal: o caráter capitalista da produção” (Hilferding, 1973, p. 330).

3. Conclusão.

Como já manifestamos anteriormente nossa preocupação, não podemos, por conta de uma postura política adotada por Hilferding, que o distanciou de uma prática revolucionária e, quiçá, efetivamente transformadora, lançarmos ao lixo uma contribuição teórica fiel a Marx, que, de fato, põe o dedo na chaga do capitalismo. Estamos saturados da ortodoxia conservadora, sem dúvidas, mas estamos carentes de análises críticas, cujo conteúdo sobrevivem ao fracasso do socialismo real e, sem elas, nos afogaremos de vez na ortodoxia autoritária e nos condenaremos à submissão eterna à hegemonia da ideologia dominante que a sustenta. Por isso, é preciso recuperar essas contribuições e divulgá-las sempre, nos restritos espaços que dispomos.

Referências Bibliográficas

HILFERDING, Rudolf (1973) *El Capital Financiero*. Madrid, Editorial Tecnos.

DESEMPREGO ZERO. *A sombra de Hilferding na trajetória do ministro Palocci*.

Capturado em 24 de maio de 2005, em <http://www.desempregozero.org.br/editoriais/>. 2005.